

Ruídos na comunicação ou falta de diálogo

MARIA EDUARDA NEVES

Os poucos espaços expositivos que se situam em Recife, são, em sua maioria, localizados em lugares onde predomina uma população menos favorecida ou até mesmo próximos a favelas. A disparidade entre esses espaços e seus respectivos entornos é gritante e apesar de muitos desses apresentarem uma proposta arrojada e desafiadora, a preocupação com a inserção dessa população no contexto artístico por eles exposto é negligenciada. Um exemplo claro disso é o anexo do Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães – MAMAM no Pátio - que se dedica à arte contemporânea, recebendo exposições bastante inovadoras, por vezes herméticas.

Localiza-se no Pátio de São Pedro, no centro da cidade, predominantemente ocupado pelo comércio popular, além de casas e apartamentos em péssimas condições – o que também é uma contradição, pois a arquitetura do local é datada da época da ocupação holandesa na cidade, no século XVII, um dos maiores patrimônios culturais do Recife – habitados por uma população de baixa renda. As pessoas que passam por ali em geral estão indo ou voltando para o trabalho e seu grau de instrução, geralmente é precário.

Já maioria dos frequentadores do MAMAM no pátio não são do ambiente em que o espaço expositivo (não) está inserido, e sua formação é bastante diferente da daqueles, muitos dos trabalhadores e residentes da região nem ao menos têm escolaridade completa. A distância entre esse público e o espaço cultural não é geográfica, nem financeira – uma vez que a visitação é gratuita, o que supostamente facilita o acesso de todos - e sim, sócio-cultural, o que é muito mais grave.

A exposição atual no MAMAM no pátio, da artista e crítica de arte Carla Zaccagnini, Ogoláid O, diálogo invertido, mostra 10 reproduções da obra do xilógrafo pernambucano Gilvan Samico, O Diálogo. Produzidas pelos participantes do workshop ministrado pela artista durante sua residência artística, as cópias foram produzidas de maneira inversa à gravura, sendo iguais à matriz. Cada reprodução ficou distinta entre si, bem como da obra original. Minha impressão é que a artista delimitou o significado de site specific com as portas de vidro da entrada do local, deixando todo o resto fora, sem interagir com a esfera pública, descontextualizando a proposta do espaço expositivo.

Parece que a comunicação entre as instituições de arte e seu entorno está repleta de ruídos, tal qual as representações e a gravura, e que não há diálogo entre ambos. Isso é evidente na relação de indiferença estabelecida entre os transeuntes e o MAMAM, que passam apressados todos os dias sem se dar conta da existência daquele espaço. Tomara que as instituições de arte se dêem conta de que a preocupação com a formação cultural dessas pessoas é tão desafiante quando o fato de apresentar arte contemporânea em um local que parece ter se perdido no tempo.

